

A FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO E O LEGADO DO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Antonio Motta*

Quando uma instituição chega ao seu sexagésimo ano de vida, como é o caso da Fundação Joaquim Nabuco, não testemunha apenas apreço e respeitabilidade. Proporciona ao pesquisador recuo suficiente que permite avaliar diferentes facetas e dinâmicas dessa instituição, dedicada à pesquisa, à promoção do conhecimento, entre outras ações culturais que atestam sua plena e ativa participação na vida pública e intelectual do Nordeste e, de resto, no país.

Mas se há algo em comum a reconhecer, um dos primeiros pontos é que na Fundação Joaquim Nabuco existiu antropólogos bem antes que seu campo disciplinar se institucionalizasse nas Universidades, o que somente ocorreria bem mais tarde. Entretanto, se a presença de antropólogos tornou-se muito cedo uma realidade nessa fundação, o mesmo não se poderia hoje afirmar em relação à existência de um projeto antropológico definido, compreendendo a pesquisa e a produção sistemática de conhecimentos em antropologia. Ocorre que esta empreitada, ao longo de seis décadas, pouco a pouco, tornou-se fragmentária, resultando em ações individuais, em pesquisas isoladas, frequentemente compartilhadas com áreas afins.

* Doutor em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales de Paris e professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE.

Tal realidade, provavelmente, remonta em parte ao ambicioso e complexo projeto desenhado e urdido pelo patrono dessa Fundação, Gilberto Freyre que, além das chamadas ciências sociais, contemplava igualmente outros domínios afins, como o da história social, da economia, da educação, da geografia, da ecologia, da psicologia social, assim como outras áreas do conhecimento. Com efeito, a antropologia deveria dialogar com um campo heurístico amplo e ao mesmo tempo plástico, que além da sociologia – espécie de núcleo duro do Instituto –, incluía as demais áreas disciplinares então contempladas no projeto inicial, apresentado por Gilberto, em 1948. Nele era enfatizado o desejo de expandir um conhecimento menos teórico e mais aplicado, ou seja: “o estudo sociológico das condições de vida do trabalhador brasileiro da região agrária do norte e do pequeno lavrador da mesma região, visando o melhoramento dessas condições”.

À época, contudo, tal proposta se adequava perfeitamente a escassez de pesquisadores habilitados a comporem o novo Instituto. Com exceção de René Ribeiro, os primeiros colaboradores do Departamento de Antropologia não possuíam formação acadêmica especializada e, como de praxe, provinham do Direito, da Medicina, ou do vasto campo das Humanidades. Evidentemente, não se tratava de nenhuma situação atípica, pois o contexto geral em que vinha sendo praticada a antropologia no resto do país apresentava a mesma tendência.

Basta lembrar que na viragem do século XIX para os primeiros decênios do século XX a aplicação do conhecimento antropológico era ainda prática recorrente nas sociedades científicas, nos museus etnológicos, nos institutos históricos e geográficos e, notadamente, no interior das faculdades de Direito do Recife e de Medicina da Bahia¹. Aliás, foi no curso jurídico que a sociologia, então nascente, encontraria sua esfera privilegiada de recepção e de expansão, enquanto que o interesse pela antropologia emergiu, sobretudo, nos cursos médicos². Evidentemente, isso em

¹ SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1970-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

² CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues & a Antropologia no Brasil*. 1982. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982. Depois publicada em livro, com o mesmo título, pela Editora USF, Bragança Paulista, 1998.

um período em que se poderia genericamente denominar como o de emergência e de formação do campo das ciências sociais no país³.

Somente a partir dos finais da década de 1940, é que a antropologia, de fato, começaria pouco a pouco a ser requisitada como instrumento de análise sociocultural, dando lugar a um considerável número de intelectuais, boa parte dele ainda oriunda das Faculdades de Medicina, como fora o caso de Arthur Ramos que desempenhou nessa época um papel crucial na institucionalização da pesquisa social no Nordeste, quando à frente da direção do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, em 1949, no mesmo ano de sua prematura morte⁴. Ainda nessa mesma década, alguns profissionais da área de saúde, legatários da velha formação humanística, começaram a ser recrutados para a cadeira de antropologia, adotada pela primeira vez nos currículos das Faculdades de Filosofia e alguns institutos congêneres que começavam a ser fundados em algumas capitais do Nordeste, como foi o caso do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, no Recife.

Em Salvador, destaca-se a contribuição do médico e depois antropólogo Thales de Azevedo que, em 1943, passou a integrar o corpo docente da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (atualmente Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia), ministrando no mesmo ano a disciplina de antropologia e etnografia do Brasil. No Recife, na mesma época, sobressai a figura do médico e depois antropólogo, René Ribeiro sobre quem passaremos a comentar mais adiante.

Em Alagoas, Theo (Teotônio) Brandão, médico e farmacêutico, havia se tornado responsável pela cátedra de antropologia da Universidade Federal de Alagoas. Na Universidade Federal do Ceará, a cadeira de antropologia ficaria sob a responsabilidade do médico Florival Seraine e na Universidade Federal de Sergipe, a disciplina de antropologia ficaria a cargo do dentista e médico Felte Bezerra. Com exceção do Rio Grande do Norte, em que tal responsabilidade caberia ao ba-

³ MOTTA, Antonio. *L'autre chez soi. Émergence et construction de l'objet en anthropologie: le cas brésilien (1888-1933)*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1998.

⁴ Ver Arthur Ramos: *Os grandes problemas da Antropologia brasileira*.

charel em Direito, Câmara Cascudo, que criou na década de 1960 um Instituto de Antropologia, posteriormente absorvido pelo Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal daquele estado.

Como se pode observar, o período que compreende o final da década de 1940 e todo decênio de 1950 foi de grande efervescência não só para o campo da pesquisa como também coincidiu com as primeiras iniciativas de inclusão da antropologia nos quadros das Faculdades, além da criação de institutos e centros de pesquisas relacionados à antropológica, em todo o país. Convém lembrar que tais centros ou institutos, a exemplo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa, desempenharam nesse momento um papel crucial na difusão da pesquisa antropológica, haja vista que o primeiro curso de pós-graduação em antropologia no país data apenas de 1968, sediado no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Genealogias

Ao inaugurar o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, em 1949, a primeira providência de Gilberto Freyre foi criar alguns departamentos e, entre eles, o de antropologia. Esse departamento tinha como objetivo principal pesquisar e refletir “os aspectos da cultura e a integração cultural, os processos dinâmicos da cultura, a relação cultura-indivíduo, o folclore regional em suas diversas manifestações, além de cuidar da documentação da cultura, mediante o emprego de processos adequados”.

Para a direção foi indicado o nome de René Ribeiro que assumiu o cargo em 1950. À época constituiu notável exceção, pois o jovem psiquiatra acabava de obter nos Estados Unidos o título de *master* em antropologia, provavelmente um dos primeiros títulos de formação acadêmica obtidos por brasileiros no estrangeiro. Mas o interesse de René pela antropologia é anterior. Depois do Congresso Afro-Brasileiro, realizado no Recife, em 1934, organizado por Freyre, René começou a dedicar especial atenção ao estudo das populações afro-descendentes, notadamente ao campo religioso. Depois de formado em Medicina, em 1936, as leituras antropológicas cada vez mais lhe impulsionaram para a pesquisa de campo⁵. Entretanto, o salto deci-

⁵ É desta época a leitura de Boas: *The Mind of Primitive Man*, por sugestão de Gilberto

sivo na sua formação profissional em antropologia veio no início da década de 1940, quando Melville Herskovits visitava o Brasil e no Recife proferiu uma conferência na Faculdade de Direito sobre o transe como fenômeno cultural⁶. Conforme versão autobiográfica do próprio René, esse encontro provocaria nele uma “guinada de cento e oitenta graus”, pois Herskovits, finalmente, mostrava que ao contrário do axioma que o então jovem psiquiatra aprendera na Escola de Ulisses Pernambucano, a possessão nos cultos afro-brasileiros deveria ser visualizada não mais sob uma perspectiva patológica e sim culturalista⁷.

É ainda na década de 1940 que René trava contato com Donald Pierson e daí o gosto pela literatura antropológica norte-americana, passando por autores e temas diversos que iam desde os famosos *community studies* até as relações interétnicas e religiões de matriz africana. Pierson, na época, encontrava-se no Brasil realizando pesquisa de campo e, algum tempo depois, retorna a este país para lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o que reativa ainda mais o diálogo entre ambos. Em 1949, René viaja aos Estados Unidos para realizar na Northwestern University o *Master of Arts*, sob a orientação de Herskovits. Entretanto, já havia realizado sua pesquisa de campo no Recife sobre os cultos afro-brasileiros. O ano nos Estados Unidos ajuda-lhe a pensar o *feedback* entre a pesquisa no Recife e a teoria, desenvolvendo e aprofundando o argumento central do trabalho que tinha como título *The Afrobrasilian Cult-Groups of Recife — a Study in Social Adjustment*. Posteriormente, René complementa esse trabalho, acrescentando a ele novos dados e, finalmente, em 1952, é publicado pelo INJPS, com o título de *Cultos Afro-Brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social*.

Em 1951, Gilberto Freyre indica o nome de René Ribeiro para compor o quadro de pesquisadores do projeto Unesco sobre relações raciais no Brasil, então coordenado por Alfred Métraux e Ruy Coelho,

⁶ Texto incluído em *Pesquisas Etnológicas na Bahia*, Salvador, Museu da Bahia, 1943. 2ª edição em *Afro-Ásia* - Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1967.

⁷ RR p. 23. E aqui é interessante notar que, guardadas as proporções, tal alumbramento, destacado por René, seria semelhante ao de Gilberto quando o então jovem sociólogo pernambucano percebeu que enquanto a categoria raça nada explicava, a noção de cultura descortinava um horizonte de possibilidades, no caso, o mérito aqui é atribuído a Boas.

este último colega de René na Northwestern, e também aluno de Melville Herskovits. A participação de René no projeto lhe confere não apenas projeção internacional, como também lhe permite incorporar outros temas correlatos à sua reflexão, como o das relações raciais, sem perder de vista, contudo, o seu principal foco de interesse, ou seja, o campo ritual afro-brasileiro e a possessão. René deixa a direção do Departamento de Antropologia em 1957, para então se dedicar à carreira universitária, assumindo o posto de professor titular de Etnografia do Brasil no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco e em 1973 torna-se figura fundamental no processo de institucionalização da antropologia na UFPE, juntamente com Roberto Motta, na criação do mestrado em antropologia, onde se torna professor.

Em linhas gerais, René em muito contribuiu para a referência e legitimação da pesquisa antropológica no período em que esteve à frente do Instituto, sendo responsável pela expansão do diálogo acadêmico com a comunidade de antropólogos nacionais. Neste sentido, tornou-se membro fundador da Associação Brasileira de Antropologia, participando da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 1953. Organizou a Terceira Reunião, no Recife, em 1958, com a presença de Darcy Ribeiro de quem fora grande amigo, além de Egon Schaden (USP), Eduardo Galvão, Herbert Baldus, entre outros. Em 1976, finalmente, foi eleito presidente da ABA com mandato até 1978, quando organizou a XI Reunião Brasileira de Antropologia, no Recife, desta vez com grande participação estudantil dos programas de pós-graduação em antropologia de todo o país.

Depois que René deixou o IJNPS, em 1957, Estevão Pinto foi indicado para assumir o Departamento de Antropologia. Embora a interdisciplinaridade da pesquisa fosse uma das tônicas do Instituto, de certo modo, a orientação intelectual de Estevão Pinto, ao que tudo indica, provocaria uma descontinuidade em relação à tendência anterior. Primeiro porque Estevão possuía uma sensibilidade intelectual mais próxima da história, sendo ele bacharel em direito, mas com notável capacidade de produzir uma obra variada que abrangia determinados domínios da antropologia. Segundo porque a etnologia indígena, foco de seus interesses, não chegou a se constituir como linha de pesquisa significativa no departamento, como foi o caso dos estudos sobre religião de matriz africana e seus domínios conexos, como o campo

ritual e as relações raciais. Além disso, sendo ele um intelectual muito enraizado nas tradições locais, com atuação diversa, de historiador, educador, folclorista e escritor, não conseguiu estabelecer o diálogo e a circulação acadêmica com a antropologia então emergente em alguns centros universitários do país, como o fez René Ribeiro. Apesar de tudo, não deixa de ser precursora a sua contribuição na área da etnologia indígena, notadamente no que se refere aos índios no Nordeste, concebida a partir de uma perspectiva mais histórica do que etnográfica. É o que se pode constatar em algumas de suas mais conhecidas e apreciadas publicações: *Os Indígenas do Nordeste*, a primeira edição, publicada em 1935, na prestigiosa coleção Brasiliana. Em 1956, era a vez da monografia intitulada *Etnologia Brasileira: Fulniô, os últimos tapuias*, talvez a mais significativa de suas contribuições.

Algum tempo depois da morte de Estevão Pinto, em 1968, a indicação de Waldemar Valente para conduzir o Departamento de Antropologia sugere uma maior reaproximação com o campo afro-brasileiro, iniciado por René Ribeiro. Embora contemporâneo deste na Faculdade de Medicina, Valdemar se forma dois anos antes, em 1934. E como era também legatário da genérica formação humanística, que caracteriza a sua geração, consta que Valdemar teria feito uma rápida especialização em antropologia, matriculando-se em curso ministrado por Roquete Pinto, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Inicialmente foi designado para dirigir o Museu de Antropologia do Instituto e logo em seguida, o Departamento, em 1972. Todavia, antes de seu ingresso no Instituto, já nos anos de 1940, vinha pesquisando temas relacionados com a antropologia, inclusive, em 1955, publicou o trabalho provavelmente de maior relevância no conjunto de sua obra, *Sincretismo religioso afro-brasileiro*.

Valdemar desenvolveu várias pesquisas e publicou um bom número de monografias sobre assuntos variados que iam do folclore à antropologia. Sua presença no Departamento contribuiu certamente para a retomada do gosto pelos estudos das religiões afro-brasileiras e a abertura de domínios correlatos, como o campo ritual e outras expressões simbólicas da cultura. É também verdade que os estudos sobre as manifestações da cultura popular em sua dimensão folclorizante tiveram à época um reconhecido espaço de abertura e de visibilidade no departamento, dado o incentivo à criação do Centro de Estudos Folclóricos, sob a responsabilidade do folclorista Mario Souto Maior.

Muito tem em comum com René Ribeiro o antropólogo Roberto Motta quanto à recusa às fórmulas diletantes de fazer antropologia e, também, o interesse pelo estudo das religiões afro-brasileiras e relações raciais. Roberto assume o Departamento de 1980 a 1988, mas desde 1972 vinha alternando a atividade docente de sociologia e antropologia na Universidade Federal de Pernambuco com a pesquisa no Instituto, e depois Fundação.

No contexto do departamento, de fato, Roberto seria o primeiro a possuir uma carreira acadêmica em antropologia no sentido moderno, tendo realizado sua formação doutoral (o Ph.D.) na Universidade de Columbia, iniciada na década de 1970. Tornou-se agente importante no processo de renovação teórica e metodológica no campo dos estudos sobre religiões afro-brasileiras. Isso se deve às suas incursões *in situ*, preferindo privilegiar pequenas configurações particulares, temas específicos ligados ao campo ritual, e daí a se ocupar frequentemente com pequenas análises monográficas, conferindo especial atenção aos aspectos etnográficos da pesquisa, sem relegar, contudo, os questionamentos teóricos e metodológicos no debate internacional contemporâneo.

É dentro dessa linha de intenção e de pesquisa que constrói seu percurso acadêmico, tanto à frente do Instituto como na Universidade, enquanto docente. O melhor resultado é a sua tese apresentada à Universidade de Columbia, em 1983, *Food for Thought: The Xangô Religion of Recife, Brazil*, sob a orientação de Robert Murphy. O foco principal de análise incide sobre o campo ritual, isto é, a iniciação, o sacrifício e o transe, elementos considerados intrínsecos e, portanto, estruturantes do culto. Mas, independente de sua dimensão religiosa, festiva e simbólica, o autor chama a atenção para os aspectos econômicos de redistribuição alimentar, ou seja, a “função proteica” das comidas de santo que serve para organizar, dar e redistribuir alimentos entre os seus adeptos. Daí porque o Xangô, segundo a ótica de Roberto Motta, *is good to eat, good to organize, and good to think*, metaforicamente sintetizado no sugestivo título da tese: *Meat and Feast*. Posteriormente, incluiu nos estudos que vinha realizando sobre o Xangô, novas perspectivas da antropologia econômica, como as chamadas “estratégias de sobrevivência das populações de baixa renda”, ou das “fontes de complementação de renda”, ou do “setor informal”.

Evidentemente, várias outras foram as suas contribuições no campo dos estudos afro-brasileiros, pioneiras no Brasil e se tornando referências obrigatórias, o que efetivamente marcou a sua passagem pelo Departamento da Fundação, especialmente na tentativa de estabelecer o diálogo antropológico cosmopolita com centros de prestígio internacionais.

Depois de Roberto, o Departamento da Fundação ficou sob a direção *pro tempore* de Danielle Rocha Pitta e, em 1990, Fátima Quintas assumiria tal encargo. À época Fátima já havia concluído sua dissertação no mestrado em antropologia da UFPE, sob a orientação de José H. Lavareda, intitulada *Sexo e Marginalidade: um estudo sobre a sexualidade feminina em camadas de baixa renda*, apresentada em maio de 1985. Trata-se de trabalho pioneiro, pois abria uma área de pesquisa ainda pouco explorada, isto é, os estudos de gênero e de sexualidade, introduzindo no Departamento da Fundação novas linhas de pesquisa, como a do estudo de família e gênero, inclusive com um Fórum Permanente de Debates, criado em finais de 1990, porém, sem continuidade nos anos subsequentes. No início de 2000, o Departamento sofre uma profunda reestruturação, passando a atuar por meio de áreas temáticas, sendo formalmente extinto, mas a linha de pensamento social brasileiro é levada a cabo por Fátima Quintas até 2003, quando esta deixa a Fundação.

Aporias

O panorama atual em que vem se realizando a produção antropológica na Fundação nada mais tem a ver com o passado: nem “heroico” nem “carismático” do extinto Departamento de Antropologia. Já se foi o tempo em que a pesquisa se associava frequentemente ao caráter aurático de alguns nomes individuais, sendo agora minimizado em favor do trabalho intelectual conjunto, cada vez mais interdisciplinar, o qual com o advento dos cursos de pós-graduação em antropologia e o controle de órgãos de fomento (Capes e CNPq) impõe-se como requisito indispensável não somente nas Universidades como também nas instituições de pesquisa.

É importante, todavia, salientar que as transformações ocorridas na vida social e política do país, nas últimas décadas, propiciaram o surgimento de novas áreas de interesse e temas de pesquisa, cada vez

mais se tornando “politizados” e, por conseguinte, menos preocupados com os velhos imperativos nacionalistas, que tendiam a reduzir a importância de grupos étnicos e religiosos locais e suas manifestações culturais apenas à contribuição coletiva na formação da “cultura nacional”, como era tendência no antigo Departamento de Antropologia.

Essa mudança de eixo, provavelmente vem ocorrendo com um dos principais legados de pesquisa deixado pelo extinto Departamento de Antropologia, ou seja, os estudos das religiões de matriz afro-brasileiras e das relações raciais no Brasil. O que se observa agora é uma tendência de ampliação do diálogo entre o campo religioso e das relações interétnicas com temáticas contemporâneas, como a das relações interculturais, de gênero, de classe, buscando compreender as diferenças sócio-culturais a partir do campo político, sem relegar de todo o simbólico.

Grande parte das pesquisas que hoje vêm sendo realizadas no campo das ciências sociais, na Fundação, está vinculada à Diretoria de Pesquisas Sociais, Dipes, criada em 2004, que aglutina cinco áreas de conhecimento e de pesquisa, entre elas a de cultura, esta última subordinada à Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais, o CGES.

Ao que tudo indica, o novo cenário institucional – pensado e organizado em termos de linhas ou áreas temáticas e, sobretudo, com a absorção de novos pesquisadores admitidos por concurso público – deverá marcar uma nova fase na pesquisa antropológica desta Fundação, cujo resultado está longe de ser conhecido. Por outro lado, novas temáticas relacionadas à antropologia vêm emergindo e contando com a iniciativa de antropólogos vinculados à área de educação, a exemplo de Janirza Rocha, atual decana de antropologia da Fundação. Também é o caso da Diretoria de Documentação, especialmente o Museu do Homem do Nordeste que, através de seus pesquisadores, juntamente com a Universidade Federal de PE, vem desenvolvendo importante trabalho na área da etnomuseologia e da museologia social, tendo a antropologia como *leitmotiv* de um diálogo recíproco.

Há também alguma evidência de que o novo quadro de pesquisadores recém-contratados apresenta-se bem mais diversificado quanto às orientações e interesses temáticos, organizando-se em redes de colaboração e troca com as universidades e a sociedade civil organizada, com maior ênfase no diálogo interdisciplinar e na possibilidade da

pesquisa de intervenção social. Provavelmente, a abertura para novas e inventivas possibilidades de pesquisa conjuntas e a criação de redes nacionais e internacionais seja o desafio maior e, portanto, o futuro promissor da pesquisa antropológica atualmente em andamento na Fundação Joaquim Nabuco.

Referências

CORRÊA, Mariza. A antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, S. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP/FAPESP, 1995. p.28-106.

_____. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues & a antropologia no Brasil*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1982. (Publicada em livro Bragança Paulista: Ed. USF, 1998).

JUCÁ, Joselice. *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa, cultura na perspectiva do tempo*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1991.

MELATTI, Júlio. C. A antropologia no Brasil: um roteiro. *BIB*, n. 17, 1984.

MOTA, Mauro. *Cara e C'roa*. Recife: IJNPS, 1974.

MOTTA, Antonio. *L'Autre chez soi. Émergence et construction de l'objet anthropologie: le cas brésilien, 1888-1933*. Tese (Doutorado) – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1998.

_____. *Entre le Meme et L'Autre. Étude sur l'émergence du champ de l'anthropologie au Brésil (1870-1914)*. [Paris]: Mémoire de DEA, Université de Paris-Sorbonne, 1992.

MOTTA, Roberto. New World African Religions. In: CLARKE, Peter B.; BAYER, Peter (Org.). *The World Religions: continuities and transformations*. London: Routledge, 2009. v. 1, p. 390-404.

_____. Le terreiro et le temple: religions sacrificielles et religions éthiques dans le Brésil contemporain. In: PASQUIER, Sylvain (Org.). *Qu'Est-Ce Qu'Une Communauté?* Paris: L'Harmattan, 2009. v. 1, p. 235-250.

_____. Memória, rito Nagô e terreiros bantos: Roger Bastide e alguns de seus predecessores no estudo do Candomblé. In: MOTTA, Roberto (Org.). *Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Recife: Bagaço, 2005. v. 1, p. 315-330.

_____. Etnia, sincretismo e desenvolvimento no pensamento social brasileiro. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). *Etnia e nação na América Latina*. Washington, 1996. p. 97-111.

_____. A invenção da África: Roger Bastide, Edison Carneiro e os Conceitos de Memória e Pureza Nagô. In: LIMA, Tânia (Org.). *Sincretismo religioso: o ritual afro*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1996. v. 4, p. 24-32.

_____. O xangô do Recife: sacrifício, mesa e festa. In: ROCHA-PITTA, Danielle Perin; MELLO, Rita Maria Costa (Org.). *Vertentes do imaginário*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995. p. 107-114.

_____. Synchrétisme et développement: le candomblé dans la pensée sociale brésilienne. In: GROSSELIN, Gabriel; HAECHE, Anne van (Org.). *La réinvention de la Démocratie*. Paris: L'Harmattan, 1994. p. 67-81.

_____. Jurema. In: SOUTO MAIOR, Mário; VALENTE, Waldemar (Org.). *Antologia Pernambucana de Folclore*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988. p. 267-268.

_____. A cura no Xangô de Pernambuco: o rito do Amassi como Terapia. In: SCOTT, R. Parry (Org.). *Sistemas de cura: as alternativas do povo*. Recife: Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 1986. p. 78-88.

_____. A cura no xangô de Pernambuco: o rito do Amassi como Terapia. In: SCOTT, Parry (Org.). *Sistemas de cura: as alternativas do povo*. Recife: Mestrado em Antropologia, UFPE, 1986. p. 78-88.

_____. *Xangô e estratégias de sobrevivência. Trabalho e condições de vida no Nordeste brasileiro*. São Paul: Hucitec; Brasília: CNPq, 1984. p. 154-169.

_____. Cultos populares e fontes alternativas de renda. In: DUARTE, Renato (Org.). *Emprego e renda na economia informal da América Latina*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1984. p. 179-186.

_____. Xangô e ajuda mútua. In: MOTTA, Roberto; SCOTT, Parry (Org.). *Sobrevivência e fontes de renda*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1983. p. 127-132.

_____; KOIKE, M.. Transferências e doações (capítulo V). In: MOTTA, Roberto; SCOTT, Parry (Org.). *Sobrevivência e fontes de renda*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1983. p. 83-102.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira. In: _____. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. p. 109-128.

PEIRANO, Mariza. *The anthropology of anthropology: the brazilian case*. Brasília: UnB, 1991. (Série Antropologia, n. 110). Tese (Phd) em Antropologia, Harvard University.

PINTO, Estevão. Alguns aspectos da cultura artística dos Panacarús de Tacaratú. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, p. 57-92, 1938.

_____. *Os indígenas no Nordeste*. São Paulo: Brasiliana, 1935.

QUINTAS, Fátima. *Sexo e marginalidade: um estudo sobre a sexualidade feminina em camadas de baixa renda*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

_____. *A mulher e a família no final do século XX*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 2000.

_____. (Org.). *Mulher negra: preconceito, sexualidade e imaginário*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1995. 200 p.

_____. (Org.). *O cotidiano em Gilberto Freyre*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1992. 136 p.

_____. Mulheres oprimidas, mulheres vencidas. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 10, n. 2, p. 283-296, 1994.

_____. Casa & família: o cotidiano feminino. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 5, n. 1, p. 75-96, 1989.

RIBEIRO, René. O problema da habitação do operariado urbano no Recife. *Arquivo da 3ª Semana de Ação Social*. Recife: Imprensa Oficial, 1939. p. 3-29. janeiro.

_____. Investigação sobre o nível intelectual de menores delinquentes e abandonados. *Revista de Neurobiologia*, Recife, v. 3, p. 19-40, set. 1940.

_____. Problemas de assistência a menores: emprego e colocação familiar. *Revista de Educação*, Recife, v. 2º semestre, p. 115-123, 1941.

_____. Problemas de higiene mental no presente momento. *Revista de Neurobiologia*, Recife, v. 4, p.305-325, dez. 1943.

_____. Colocação familiar inadequada. Tentativa de suicídio de menor. *Revista de Neurobiologia*, Recife, v. 7, p. 68-77, jun. 1944.

- _____. On the amasio relationship and aspects of the familiy in Recife (Brazil). *American Sociological Rewiew*, New York, n. 1, p.44-51, Feb. 1945.
- _____. Grupos étnicos, áreas naturais e mobilidade das populações de Pernambuco. *Revista de Neurobiologia*, Recife, t. 9, v. 7, n. 1, p. 68-77, mar. 1946.
- _____. *The Afrobrasilian cult-groups of Recife: a study in social adjustment*. These (Master of Arts) – Northwestern University, Evasion, Illinois, 1947.
- _____. Shangô: dança dramática afro-brasileira. *Revista do Clube Internacional do Recife*, Recife, n. 30, ago. 1950.
- _____. O indivíduo e os cultos afro-brasileiros do Recife (1). *Revista de Sociologia*, v. 13, n. 3, p.195-208, ago. 1951.
- _____. O indivíduo e os cultos afro-brasileiros do Recife (2). *Revista de Sociologia*, v. XIII, n. 4, p. 325-240, out. 1951.
- _____. O teste de Rorschach no estudo da aculturação e da possessão fetichista dos negros do Brasil. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, v. 1, p. 44-50, 1952.
- _____. Situação étnica do Nordeste. *Revista de Sociologia*, v. 15, n. 3, p. 210-259, ago. 1953.
- _____. Preconceito racial entre os universitários nordestinos. *Revista de Neurobiologia*, Recife, t. 16, n. 4, p. 65-79,dez. 1953.
- _____. Xangô. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, v. 3, p. 65-79, 1954.
- _____. Projective mechanisms and structuralization of percetion in afrobrasilian divination. *Revue d'Etnopsychologie et Pathologique*, Paris, v. 1, n. 2, p. 3-23, 1955.
- _____. Novos aspectos do processo de reintegração nos cultos afrobrasileiros do Recife. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTA, 21., 1955, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 1955. p. 473-491.
- _____. *Religião e relações raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação, Serviço de Documentação, 1956.
- _____. Possessão: problema de etnopsicologia. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, n. 5, p. 5-44, 1956.
- _____. Possessão: problema de etnologia. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2., 1957. *Anais....* Salvador, 1957. p. 29-60.

- _____. Significado sócio-cultural das cerimônias de Ibergi. *Revista de Antropologia*, v. 5, n. 2, p. 129-144, dez. 1958.
- _____. Relações do negro ao cristianismo na América Portuguesa. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 3., 1959. *Anais...* Recife, 1958.
- _____. *Vitalino: um ceramista popular do Nordeste*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1959.
- _____. Urbanização e familismo no Nordeste brasileiro. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, Recife, n. 10, p. 63-80, 1961.
- _____. Brazilian messianic movements. *Comparative Studies in Society and History*, p. 55-69, 1962. Supplement II.
- _____. Melville J. Herskovits: o estudo da cultura e o fator humano. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, nova série, v. 14, p. 37-422, 1963.
- _____. The Shango cult in Trinidad. In: SIMPSON, George Eaton (Org.). San Juan, Porto Rico: Univ. of Puerto Rico, 1966. Monograph Series, nº 2.
- _____. *Children's views of foreign peoples: a cross-nation study* (Relatório de pesquisa). 1967. Century Psychology Series
- _____. Movimentos messiânicos no Brasil. *América Latina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, p. 35-36, jul./set. 1968.
- _____. Estudos comparativos dos problemas de vida em duas culturas afins: Angola-Brasil. *Journal of Inter-american Studies*, v. 11, n. 1, p. 2-15, jan.
- _____. Pentecostalismo no Brasil. *Revista de Cultura*, n. 2, p. 125-136, fev. 1969.
- _____. Male homosexuality and Afro-Brazilian Religions: a preliminary report. In: *Environment Influences on Genetic Expression*. Nat. Inst. Of Health 1969. p. 214-236.
- _____. Messianismo e desenvolvimento. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 5-18, 1972.
- _____. Contribuição das Civilizações africanas à América Latina: as religiões do povo. In: COLLOQUE NEGRITUDE ET AMERIQUE LATINA, 1974.
- _____. Igrejas e Cultos no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 21, p.13-26, 1978.
- _____. *Cultos afrobrasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978. (Versão em português da tese defendida em 1947).

_____. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1982.

STOCKING JR., G.W. Afterword: a view from the center. *Ethnos*, Stockolm, v. 47, n. 1-2, p. 172-186, 1982.

VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Brasiliana, 1955.

_____. *O Monogermismo linguístico e a origem do homem americano*. 1933 (seu primeiro livro).

RESUMO

Expõe a trajetória da Antropologia no âmbito da Fundação Joaquim Nabuco desde os seus primórdios como instituição de pesquisa no final da década de 1940, justamente quando a antropologia passaria a ser requisitada como instrumento de análise sociocultural. Analisa a gênese do Departamento de Antropologia, destacando a presença e a atuação de René Ribeiro, Estêvão Pinto, Waldemar Valente, Roberto Motta e Danielle Rocha Pitta. Finalmente, chega aos dias atuais quando há um novo cenário institucional organizado em torno de linhas ou áreas temáticas que marca uma nova fase da antropologia e das ciências sociais na instituição.

Palavras-chaves: Antropologia. Fundação Joaquim Nabuco. Ciências sociais; História institucional.

ABSTRACT

This is a report on the history of the Anthropology Department within the scope of the Joaquim Nabuco Foundation since its foundation as a research institution in the late 1940s. It was during this timeframe that anthropology became an instrument of socio-cultural analysis. It provides an analysis the genesis of the Department of Anthropology, highlighting the presence and activities of Rene Ribeiro, Stephen Pinto, Valdemar Valente, Roberto Motta and Danielle Rocha Pitta. The report concludes by addressing the current institutional scenario, which is organized around thematic areas or directions, which indicate the institution's new emphasis on anthropological and social sciences.

Keywords: Anthropology. Joaquim Nabuco Foundation. Social Sciences; Institutional history.